

Figura da página anterior:

Detalhe do projeto “Centro Paroquial 12” - Jardim Maracanã, São Paulo, 1966/70, desenho de Jorge O. Caron. Fonte: Acervo Jorge Caron. (Imagem acrescentada pelos editores desta edição temática ao presente texto)

Ao aceitar o convite do Prof. Carlos Roberto “Mancha” Monteiro de Andrade, de fazer uma resenha sobre a publicação do compêndio memorial da obra e carreira do Arquiteto Marcos Acayaba, verifiquei que já se passaram 14 anos da publicação de *Marcos Acayaba*. Além do choque de constatar a rapidez com o que o tempo passa, é desalentador perceber a quantidade diminuta de publicações sobre a obra e carreira de mestres modernos consagrados da Arquitetura Moderna Brasileira, particularmente nos últimos 20 anos, produzidos pelos próprios arquitetos ou por pesquisadores. A presença relativamente pequena de compêndios sobre a obra de arquitetos brasileiros modernos na historiografia é uma questão espinhosa: por que a falta de interesse?

Da parte dos próprios arquitetos existiria um senso de modéstia e discrição pessoal. E haveria certo receio de serem vistos pela comunidade profissional e acadêmica, ao publicar um livro sobre sua própria obra, como fazendo propaganda de seu próprio trabalho. Há de fato alguns livros sobre arquitetos, produzidos por eles mesmos, que são portfólios de imagens, com poucos desenhos e textos.

Por outro lado, há publicações que constituem revisões analíticas, críticas e rigorosas, do autor e de sua obra, e que revelam o processo de projeto do arquiteto, de forma aberta e corajosa. É justamente o caso de *Marcos Acayaba*, publicado pela extinta CosacNaify de São Paulo em 2007, com textos de Marcos Acayaba, Hugo Segawa, Júlio Roberto Katinsky e Guilherme Wisnik; e edição de texto da Profa. Joana Mello. Uma segunda edição deste compêndio, revisada e bilíngue (inglês) foi lançada em 2021, constituindo das poucas boas notícias neste ano sinistro; produzida pela Romano Guerra Editora, de São Paulo. Devido ao formato bilíngue, a nova edição contém 64 páginas a mais.

O livro já foi comentado anteriormente pelo resenhista no artigo *Tratados brasileiros de arquitetura moderna – Aprendendo arquitetura com quem faz – parte 1*, publicada na Vitruvius resenhas online 181.01, livro ano 16, Janeiro 2017. Neste texto, argumentei pela necessidade de compêndios que atuem como balizas, referências da prática e da experiência profissional do projeto e da construção, tanto para o estudante de arquitetura como para o jovem profissional, que sirvam de farol para o duro caminho das pedras do aprendiz da profissão.

Este compêndio sobre e por Marcos Acayaba constitui um raro exemplo, remontando a Andrea Palladio (1508-1580) e seus *I Quattro Libri dell'architettura* (1570), de um arquiteto que apresenta e discute sua própria obra arquitetônica de forma honesta, crítica, didática, mas despreziosa, e com clareza de escrita – deste que é um dos arquitetos brasileiros contemporâneos mais publicados no Exterior. Os bons textos

* Paulo Yassuhide Fujioka é Arquiteto e Urbanista, Professor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, ORCID <<https://orcid.org/0000-0003-2113-6778>>.

de Hugo Segawa, Júlio Roberto Katinsky, Guilherme Wisnik acentuam e esclarecem a forma de pensar e projetar do arquiteto.

Aliás, esta é a questão fundamental: mais do que um catálogo *raisonné* de sua obra, aqui o arquiteto abertamente discute procedimentos de projeto caso a caso, inclusive suas inspirações, suas referências de projeto. Há uma seleção rigorosa de projetos, em ordem cronológica sem distinção de tema, o que indica uma intenção de registrar honestamente uma evolução de ideias projetuais ao longo da carreira. A “Cronologia de Projetos” no final (pp. 262-268) mostra um portfólio monumental de propostas, projetos e obras entre 1965 e 2006, com uma seleção balanceada de fotos e desenhos. Há também uma preciosa seleção bibliográfica sobre as obras (pp. 269-270). E as fotos de Nelson Kon, excelentes, revelando as qualidades espaciais e construtivas.

A obra residencial é bem conhecida, tal como as agências bancárias, escolas, o Pavilhão Pindorama. Há os registros de projetos urbanos pouco comentados hoje, mas de grande qualidade, como sua proposta para o concurso público do IAB-SP de Reurbanização do Vale do Anhangabaú (1981) e a proposta para a Reurbanização da Área do Carandiru (1980-82). Há o pouco divulgado projeto para o Coliseum na Marginal do Rio Pinheiros (1982), quase uma surpresa. A sua proposta para o concurso fechado de projetos do MuBE-Museu Brasileiro da Escultura ainda mantém um encanto peculiar e compara bem com a proposta vencedora, e celebrada, de Paulo Mendes da Rocha. E vemos a sequência das extraordinárias casas-árvore a partir de 1987 (com a Residência Hélio Olga), projetadas com o sistema GMTAT-Grelha de Madeira Triangular Auto Travada.

Em todos os casos, há um memorial de projeto (que também é uma pequena crônica de projeto e obra), onde o arquiteto discute de forma franca o programa e o sítio apresentado pelo cliente, as dificuldades percebidas e de como se chegou na solução projetual-construtiva, incluindo problemas e soluções de canteiro, os impasses e as conclusões – caso raríssimo na historiografia de projeto no Brasil, daí sua preciosidade. Como escrevemos acima, que forma melhor haveria de se aprender o fundamento de uma profissão, ou de refletir sobre ela? Constituem depoimentos reveladores, que por vezes podem chocar, pela franqueza e sinceridade, um estudante de arquitetura atual, mais acostumado ao polido discurso dos textos teóricos e à falta de maior convívio com a realidade do canteiro.

Hugo Segawa, em seu texto “Marcos Acayaba delineador de estruturas,” observa na obra do arquiteto a persistência “do inerente risco do projeto moderno. Há em seu trabalho uma estética da lógica, na qual as soluções devem resultar de uma judiciosa persistência estrutural.” (p.11)

Guilherme Wisnik destaca “ser o livro o desdobramento de uma tese acadêmica em que o arquiteto comenta a própria obra e seu procedimento projetual à luz de um vasto repertório de projetos feitos por ‘mestres’ brasileiros e estrangeiros, tais como Oscar Niemeyer, Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Joaquim Guedes, Sérgio Ferro, Carlos Millan, Frank Lloyd Wright, Le Corbusier, Mies van der Rohe, Marcel Breuer, Craig Ellwood e Norman Foster. Sua obra, desse modo, revela não apenas uma grande paixão pela arquitetura e um conhecimento profundo da produção desses e de outros arquitetos, mas também uma didática incomum na maneira de incorporar e processar esse acervo” (em “Exercício de Liberdade”, p.15). Além das menções feitas

por Wisnik, o resenhista também destaca o estudo da arquitetura tradicional japonesa e da geometria áurea, presente tanto na tradição clássica da arquitetura ocidental, como de diversas tradições orientais.

Ou seja, é evidente na práxis deste arquiteto a necessidade não somente do conhecimento de referências projetuais eruditas, mas do domínio analítico desse repertório, saber o que escolher como presença, inspiração, influência, ressonância, para cada situação de sítio, programa e necessidades específicas do cliente. O domínio do repertório, portanto, exige um estudo aprofundado dos projetos, desde o partido até o detalhe construtivo.

No texto do próprio Acayaba, “Crônica de uma Formação” (pp. 25-39), o leitor se depara com uma constante que permeará toda a leitura dos projetos selecionados: uma honestidade e uma sinceridade desconcertante, tão fora dos padrões atuais das “redes sociais”. Aqui, como escreveu Wisnik, o arquiteto põe as cartas na mesa.

Esta crônica de formação se reporta a um tempo já quase distante nesta terceira década do século XXI, mostrando a formação do arquiteto como intelectual e artista nas conturbadas décadas de 1950 e 60 em São Paulo. Imagino como deve parecer estranho, talvez quase exótico, para alguém nascido após 2000, as leituras e os encontros que possibilitaram uma rede de contatos, amigos e mentores realmente consistente (sem a superficialidade das redes “sociais” atuais) na formação do arquiteto: a leitura de revistas como Módulo, Habitat e Acrópole comprados pela mãe para o Marcos ainda adolescente; o curso Le Corbusier do Prof. Mecozzi; Carlos Millan, amigo da família; os colegas alunos da FAUUSP, e professores como Vilanova Artigas, Flávio Motta, Hélio Duarte, Roberto Tibau, Abrahão Sanovicz, Júlio Katinsky e Sérgio Ferro; as primeiras experiências com a profissão, no estágio com os professores Ernest Mange e Ariaki Kato, incluindo projetos que ainda são relativamente pouco publicadas na historiografia da Arquitetura Moderna Paulista: a cidade barrageira de Ilha Solteira (projetada originalmente para os construtores e trabalhadores da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira no rio Paraná), e a sede do Banco América do Sul em São Paulo.

A parte dos projetos selecionados recebeu um breve texto introdutório de Marcos Acayaba que pode ser considerado uma declaração de sua prática como arquiteto:

Minha experiência, com a formação que recebi na faculdade e com trinta anos de prática profissional, fez com que eu viesse a pensar o arquiteto como o primeiro operário que participa do processo da obra. A sociedade identifica a necessidade de uma edificação qualquer, elabora um programa e o encaminha ao arquiteto. A ele cabe a tarefa inicial, a concepção do projeto, instrumento necessário para a realização da obra. Na prancheta ou no computador, deve considerar cuidadosamente as operações que seus companheiros, os outros operários, realizarão depois e, da mesma forma, avaliar com critério todo o material a ser incorporado. Pessoalmente, procuro não usar material que não seja absolutamente indispensável para a realização da obra. Todo o material deve trabalhar a plenitude de suas características.

Nos meus projetos, em paralelo à interpretação da encomenda do cliente, transcrita no programa de necessidades, procuro identificar e analisar as características locais, a acessibilidade, o entorno, a paisagem, o clima, enfim, todas as condicionantes

geográficas e também as tecnológicas, como a disponibilidade de fornecimento de materiais e a qualidade da mão-de-obra. A partir da análise conjunta de todas essas condicionantes, procuro deduzir qual a melhor estratégia para a realização da edificação. Assumo, então, a estratégia de obra como uma referência, como uma bússola, para orientar a concepção e o desenvolvimento do projeto.

Com essa filosofia de trabalho, tenho desenvolvido projetos em que a preocupação com a construção e seus processos de produção são determinantes. Tenho procurado aproveitar as oportunidades profissionais para realizar novos ensaios, para desenvolver novas técnicas e novos conceitos. São projetos com caráter de pesquisa. (p.43)

É notável a presença do conceito de “natureza dos materiais” da arquitetura orgânica de Frank Lloyd Wright, quando Acayaba escreve que procura “não usar material que não seja absolutamente indispensável para a realização da obra” e que “todo o material deve trabalhar a plenitude de suas características”. E no último parágrafo, Acayaba declara que a solução espacial resulta da técnica construtiva adotada, ressoando as aulas do Prof. Artigas, e demonstrando o estudo rigoroso de seus projetos (referenciados nos projetos selecionados). Como todo bom arquiteto brasileiro moderno formado na década de 1960, Acayaba considera o atelier e o canteiro como laboratório de pesquisa.

Ao percorrer as páginas seguintes, com os projetos selecionados em ordem cronológica, reitera-se o discurso do arquiteto em múltiplas soluções de partido, inspirações projetuais, abordagens construtivas e na relação do edifício com o entorno natural e construído. Entre os projetos e obras, o resenhista destaca:

- Residência Milan / Casa do Arquiteto (São Paulo, 1972): uma das obras mais publicadas do arquiteto, no Brasil e internacionalmente, objeto de peregrinação de estudantes e arquitetos de todo o País e do Exterior (p.45). Exemplo da prática projetual como pesquisa de espaços e materiais. Um dos casos de estudo analisados com precisão por Marlene Milan Acayaba, em sua monografia fundamental *Residências em São Paulo 1947-1975* (orig. São Paulo: Editora Projeto / Eucatex, 1987).
- Conjunto de residências no Alto da Boa Vista (São Paulo, 1973-74): também exemplo da prática projetual como pesquisa de espaços e materiais, com utilização pioneira de alvenaria estrutural com vigas apoiadas em “blocos-verga” e lajes pré-fabricadas com vigotas de concreto e tijolos cerâmicos, com resultados muito expressivos, com potencial para utilização em habitação econômica ou popular (p.58).
- Sede da Fazenda Pindorama (Cabreúva-SP, 1974): ressonâncias de Le Corbusier e também de Louis Kahn (Kimbell Art Museum em Fort Worth, Texas, 1967-72) nas abóbadas abatidas de bloco de concreto (p.66).
- Galeria São Paulo (São Paulo, 1980-81): para este resenhista, e para muitos estudantes de arquitetura da FAUUSP no início da década de 1980, a primeira obra do arquiteto a ser conhecida e visitada. A solução de cobertura zetaflex foi um espanto para alunos e professores na época da inauguração (p.85).

- Proposta para o Concurso de Projetos EMURB de Reurbanização do Vale do Anhangabaú 1981, com Edgar Gonçalves Dente e Júlio Roberto Katinsky. Proposta expressiva e original que, junto com o projeto de Lina Bo Bardi, resgata a polêmica deste concurso para o debate contemporâneo sobre o futuro do Vale do Anhangabaú (p.94).
- Residência Jander Köu (Alphaville, Barueri-SP, 1981-82). Projeto extraordinário pela utilização combinada de muros de pedra, lajes pré-fabricadas de concreto, alvenarias de tijolo aparente, pilares e vigas de aço. Na época de sua conclusão, muitos de nós, alunos de Graduação da FAUUSP, nos perguntávamos se haveria alguma inspiração da arquitetura residencial de Richard Neutra neste projeto. Também não era usual o emprego de estrutura de aço em habitação na época, provocando polêmica quando da publicação nas revistas. De fato, através de uma sugestão do casal de clientes, Acayaba dialogou com um projeto residencial de Marcel Breuer: a Koerfer House em Moscia, Ticino, (1963-67); e depois, outra casa projetada por Breuer, a Stillman House III em Lichtfield, Connecticut (1964-65/74). Acayaba menciona que foram os próprios clientes que mostraram a Koerfer House publicada na revista *GA-Global Architecture* nº 43 de 1977 (Tokyo: A.D.A. Edita). O resenhista também lembra que os projetos executivos das duas casas foram publicadas na edição especial *GA Detail* nº 5 de 1977. Acayaba comenta a solução de projeto e materialidade, apontando a ressonância dos materiais utilizados nas casas de Breuer, além do estudo das obras de Mies van der Rohe, e da visita a uma obra em construção em São Paulo, projeto de Eduardo de Almeida e Arnaldo Martino (Residência Belinky no Pacaembu, de 1980-81).
- Projeto da arena Coliseum na Marginal do rio Pinheiros em São Paulo (1982), não construído, coma planta do anfiteatro inspirada na geometria áurea e cobertura de lona plastificada inspirada em Frei Otto, ou ainda Kenzo Tange, para este resenhista (p.108).
- Projeto de reurbanização da área do Carandiru em São Paulo (1983), não construída, o arquiteto demonstrando sua capacidade de operar em escala urbana (p.114).
- Agência BANESPA Santo Amaro (São Paulo, 1984). O antigo Banco do Estado de São Paulo foi uma instituição bancária pública, do Estado, e que se destacou por 20 anos na produção de agências bancárias projetadas por arquitetos modernos de renome, selecionados pela diretoria de patrimônio do banco. Os arquitetos tinham a liberdade de projetar soluções ousadas de implantação, materialidade e espaços internos. Acayaba abraçou esta oportunidade com uma pesquisa pioneira de solução em estrutura de aço e paredes de blocos de concreto. Vale como registro o diálogo do arquiteto com o escritório de arquitetura de Jon Maitrejean e Georges Sallouti, que já vinha projetando supermercados e conjuntos comerciais com estrutura de aço e grandes telhados metálicos (p.122).
- Pavilhão Pindorama (Fazenda Pindorama, Cabreúva-SP, 1984). Acayaba discute a forte influência corbusiana neste projeto, principalmente do Mosteiro de La Tourette (1957-60), mas para este resenhista o contraponto entre elementos orgânicos e ortogonais também lembra discretamente o projeto de Le Corbusier para o Carpenter Center for the Visual Arts no campus da Harvard University em Cambridge, Massachusetts (1959-63).

- Proposta para o Concurso Nacional da Biblioteca Pública do Estado do Rio de Janeiro (1985). Este concurso provocou grande controvérsia entre os arquitetos e estudantes de arquitetura na época (como este resenhista), pela diversidade de soluções de linguagem e abertura para o debate internacional corrente da arquitetura, num momento de agonia do Regime Militar (p.138). A proposta de Acayaba é notável, entre os projetos concorrentes, pela abertura democrática do edifício para a cidade, numa antevisão de sua proposta posterior para o concurso do MUBE-Museu Brasileiro da Escultura (abaixo).
- Agência BANESPA Capivari (Capivari-SP, 1986). Mais um exemplo da notável arquitetura bancária do BANESPA, com a utilização neste caso de alvenaria armada e laje de concreto. Acayaba comenta a inspiração corbusiana nas fachadas, que se constituem de grandes brises-parede com rotação de 45° em relação ao alinhamento da rua. Inspiração referenciada aqui, de fato, no projeto do Carpenter Center (acima).
- Residência Hugo Kovadloff (São Paulo, 1985-87): um dos mais expressivos projetos residenciais de Acayaba antes de sua fase GMTAT, a presença corbusiana se manifesta de forma mais variada, embora sutil: o espaço principal em galeria (referenciando a Maison La Roche-Jeanneret em Paris, 1923-25; e as Maison Jaoul em Paris, 1951).

Acayaba observa que Francesco Santoro, na publicação desta obra na revista *L'Architettura*, escreveu que “A aproximação simples e direta para a organização racional dos vários aspectos da projeção, da escolha de materiais apropriados, à organização dos espaços internos, recorda a experiência fecunda das Usonian Houses de Wright” (p.152). O arquiteto ainda esclarece que, um pouco antes de projetar esta casa, tinha comprado e lido Frank Lloyd Wright’s *Usonian Houses – The Case for Organic Architecture*, de John Sergeant (Nova York: Whitney Library of Design, 1976). “Reconheço a referência mencionada na solução compacta da cozinha e sua articulação tanto com a sala como com o pátio. Também os elementos vazados de concreto usados na fachada nordeste da casa, principalmente, o volume que dela sobressai remetem às Usonian Automatic, de Wright”, como afirma Acayaba (p.152).

Para este resenhista também há elementos que curiosamente lembram casas projetadas por Joaquim Guedes (Casa Fabrizio Beer em São Paulo, 1975, por exemplo), como o tijolo e o concreto aparente, as lajes prel, o bloco da lareira e as vergas-aba junto às janelas – lembrando que Guedes também tinha como referência projetual as Maison Jaoul. Já o discreto espelho d’água é de um minimalismo zen. Atenção para dois detalhes: a elegante solução do corrimão de chapa, exemplo para os horríveis corrimãos que vemos em produções contemporâneas (e até em trabalhos de estudantes); e os diagramas de implantação que explicam a solução projetual em relação ao sítio, topografia, ventos, insolação – pontos de partida do projeto. Todo estudante de arquitetura deveria aprender a elaborar diagramas deste tipo nos exercícios de Projeto.

- Proposta para o Concurso do Museu Brasileiro da Escultura, não construído (São Paulo, 1986). Na proposta para o Concurso da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, Acayaba assume a referência do projeto não construído, mas sempre lembrado e discutido, do MAC-USP Museu de Arte Contemporânea da USP, de

Paulo Mendes da Rocha (1975). Este projeto para o MAC-USP também ressoa nesta proposta para o MUBE, na generosa abertura dos espaços internos para a cidade. Tão absorvente quanto o projeto é o depoimento do arquiteto sobre o processo de projeto da proposta, o concurso em si e seus desdobramentos (o resenhista estava lá, no evento de apresentação das propostas).

- A seguir temos a rica trajetória das casas-árvore (no sentido wrightiano) construídas com o sistema GMTAT-Grelha de Madeira Triangular Auto Travada. Não há necessidade de comentários diante da vasta historiografia acadêmica e de artigos em revistas de arquitetura nacionais e internacionais, sobre estas casas. O sistema construtivo evoluiu da grelha ortogonal de modulação quadriculada (Residência Hélio Olga em São Paulo, 1987-90, p.174) para a grelha de módulo hexagonal e triangular (Residência Baeta em Iporanga, Guarujá, 1992-94, p.195; e Residência Marcos Acayaba em Tijuco-pava, Guarujá, 1996-97, p.206), em paralelo com as experiências de modulação hexagonal e triangular das *usonian houses* de Wright, justamente descritas e analisadas no já mencionado Frank Lloyd Wright's *Usonian Houses – The Case for Organic Architecture*, de John Sergeant (ver tese de doutorado FAUUSP do resenhista).
- O protagonismo da arquitetura residencial, e as experimentações construtivas nos projetos de casas, deixaram em segundo plano as experimentações do arquiteto em programas de maior escala, sempre mantendo diálogo consistente com a paisagem urbana e a natureza circundante. Entre estes projetos de escala urbana se destacam: a proposta do Concurso para a Nova Sede da FAPESP em São Paulo (1998) numa solução de estrutura de aço com treliças nas paredes externas, apoiada em apenas 12 colunas (p.222); a sede do Parque Estadual de Ilhabela em São Sebastião (1998), um edifício-ponte de madeira (p.228).
- Por fim, a notável Vila Butantã, exercício de maduro virtuosismo do arquiteto, que retoma ideias do conjunto de residências no Alto da Boa Vista (São Paulo, 1973-74), como as empenas de alvenaria armada (agora com blocos pigmentados), combinado com um novo sistema de lajes nervuradas mistas de concreto e madeira (p.234).
- Ao final da seleção de projetos há uma instigante “Cronologia de Projetos” (pp. 263-268), que atia a curiosidade do leitor para projetos que, por não terem sido construídos, ou pela escala diminuta, não foram incluídos na seleção (alguns são conhecidos do resenhista por terem sido publicados em revistas na época da conclusão). Alguns exemplos: a Residência da Chácara Monte Alegre em São Paulo (1974), a Residência Oscar Teiman no Sítio São Pedro, Guarujá (1986-87); o Edifício Giácomo [sic] Puccini (São Paulo, 1988), influência do organicismo nórdico ou japonês; o projeto para o Edifício Giverny (1991), a Residência Osmar Valentim em Blumenau-SC (1992) com sistema GMTAT; a casas do sítio Paulo D. Villares em Camanducaia-MG (1993), a proposta para o Concurso Nacional da Igreja da PUC-Campinas (2001), a sede da Fazenda Cachoeira em Aquidauana-MS com telhado de geometria Irimoyá e a proposta para a ECA-USP de 2006.

Como escreveu Wisnik, a arquitetura de Marcos Acayaba “ensina a projetar e a raciocinar através da construção” (p.14), comprovando para este resenhista ser Acayaba o arquiteto que melhor entendeu a prática projetual e tectônica de Vilanova Artigas.

De igual importância são as narrativas de Acayaba do processo de projeto, desde o contato com o cliente, o reconhecimento do sítio, o desenvolvimento do projeto, o diálogo com os colaboradores, as dificuldades de obra – novamente depoimentos preciosos para o aluno que se inicia na profissão. Está na boa companhia do relato autobiográfico *Marcello Fragelli – Quarenta Anos de Prancheta* (São Paulo: Romano Guerra Editora, 2010).

Na confusão e no ruído do debate arquitetônico do século XXI, a clareza didática desta prática, onde desenho e técnica construtiva são indissociáveis no projeto, permanecem atuais e mais importantes do que nunca, pela consistência.

A lamentar apenas o diminuto tamanho da fonte dos textos, que complica a leitura, principalmente por leitores com mais idade, além dos desenhos de apresentação muito simplificados. Os projetos de Marcos Acayaba merecem uma edição tipo *GA Detail*, como o volume dedicado às casas de Breuer mencionado acima. É da convicção deste resenhista, após 15 anos como docente, de que somente o impacto de um projeto executivo detalhado, de uma obra consistente, poderá fazer o aluno entender de fato o *métier* no qual está se iniciando, pois é a etapa em que o projeto no papel mais se aproxima da construção real em canteiro.

Em 2022 completam-se 15 anos da publicação deste título. A curiosidade é grande: que outras obras o arquiteto terá concluído nesses anos? Não seria o caso de uma edição ampliada, incluindo os projetos da cronologia? Não faltariam leitores.

Recebido [Mai. 15, 2022]

Aprovado [Jun. 10, 2022]